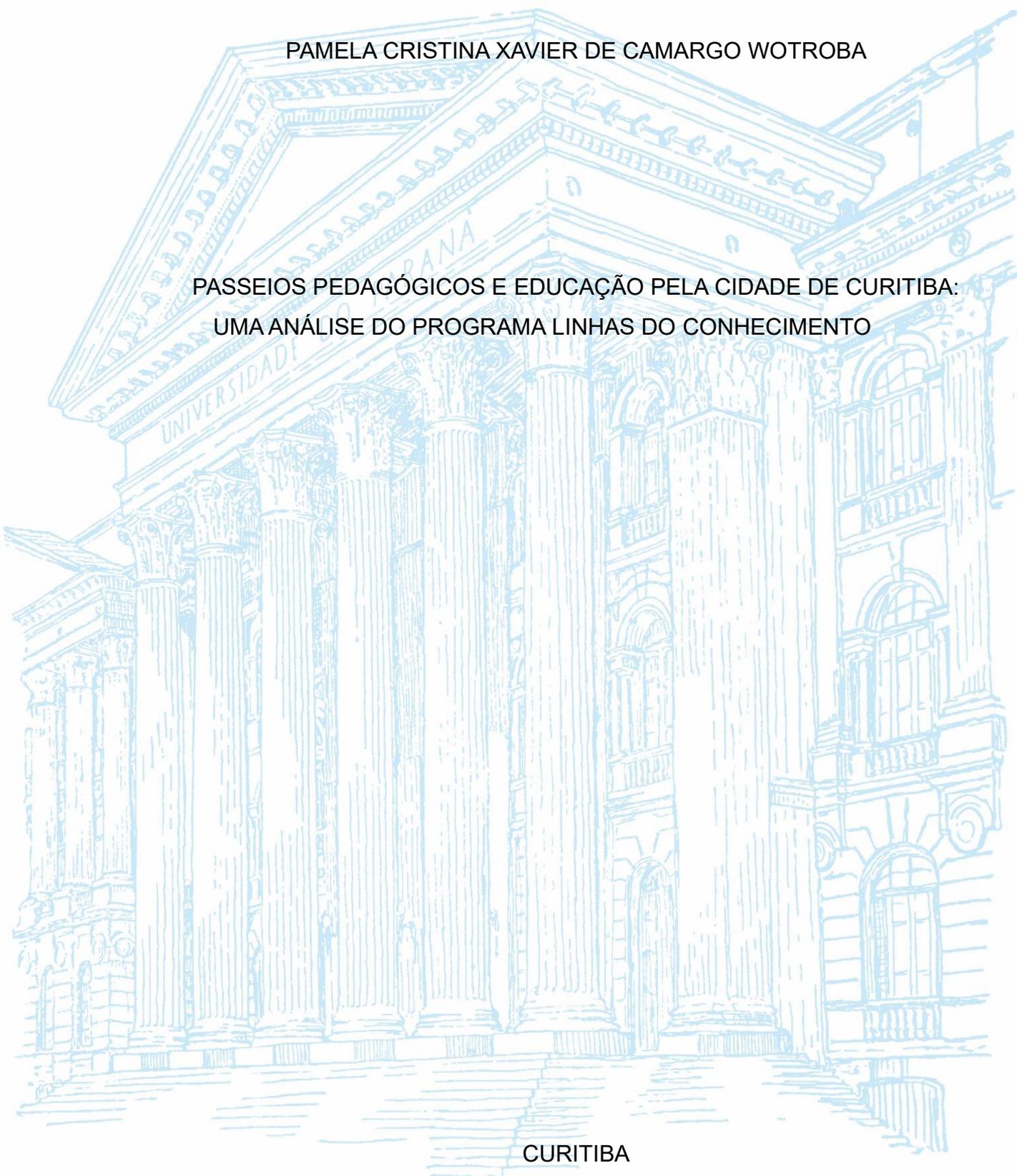


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PAMELA CRISTINA XAVIER DE CAMARGO WOTROBA

PASSEIOS PEDAGÓGICOS E EDUCAÇÃO PELA CIDADE DE CURITIBA:  
UMA ANÁLISE DO PROGRAMA LINHAS DO CONHECIMENTO



CURITIBA

2023

PAMELA CRISTINA XAVIER DE CAMARGO WOTROBA

PASSEIOS PEDAGÓGICOS E EDUCAÇÃO PELA CIDADE DE CURITIBA:  
UMA ANÁLISE DO PROGRAMA LINHAS DO CONHECIMENTO

Trabalho de conclusão de curso como requisito parcial à obtenção de título de licenciatura em Pedagogia, Curso de Pedagogia, Setor de Educação, Universidade federal do Paraná.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Andréa Bezerra Cordeiro

CURITIBA

2023

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu forças para chegar até aqui em muitos momentos que esmoreci.

Agradeço ao meu companheiro de vida, que aguentou durante o percurso, o meu humor não tão agradável, aguentando também as minhas crises e os meus choros e não me deixou desistir, desempenhando o seu papel de pai para que pudesse ter a tranquilidade de ser aluno.

Agradeço a minha mãe que sempre apoiou as minhas decisões de ser uma pessoa melhor, principalmente em meu retorno à universidade.

Enfim, agradeço a minha rede de apoio que sem eles nada disso seria possível.

Agradeço também a minha orientadora que não desistiu de mim, mesmo quando eu não reagia da maneira adequada.

E por fim agradeço a compreensão das minhas filhas e espero que no futuro elas também tenham essa oportunidade e que encontrem em mim a rede de apoio necessária.

## RESUMO

Pensar educação em um âmbito fora dos muros das escolas, faz com que a dinâmica e a didática para tal prática sejam diferenciadas. Curitiba se propõe a ser uma cidade educadora, utilizando dos equipamentos da cidade como fonte de educação e conhecimento, bem como faz uso de um planejamento voltado a organização da cidade para tal fim. Assim a capital paranaense criou o Programa Linhas do Conhecimento para auxiliar as professoras e unidades escolares nesse processo de aprendizagem de maneira não tradicional. Entendendo essas questões o presente trabalho teve como objetivo geral, por meio de uma revisão bibliográfica e netnográfica, realizado no ano de 2023, compreender a potencialidade das aulas de campo (passeios escolares/ turismo pedagógico) na formação cidadã das crianças que compõe as unidades na cidade de Curitiba. E como objetivos específicos compreender o sentido da ideia de cidade educadora; dialogando com a ideia das aulas de campos, conhecidas como passeios escolares, como potencializadoras de aprendizagem da autonomia e na apropriação do entorno, bem como analisar através do programa linhas do conhecimento as possibilidades oferecidas as escolas, verificando se a cidade está preparada para as crianças. Analisando o programa e verificando o que é colocado a disposição da comunidade no site, não se pode concluir se há ou não potencialidades das aulas de campos, uma vez que não existe um espaço para inserir a documentação pedagógica feita pelas unidades participantes, há apenas algumas notícias pontuais.

**Palavras-chave:** Cidade Educadora, Linhas do Conhecimento, História local.

## ABSTRACT

Thinking about education in a context outside the walls of schools makes the dynamics and didactics for such practice different. Curitiba aims to be an educating city, using the city's equipment as a source of education and knowledge, as well as using planning aimed at organizing the city for this purpose. Thus, the capital of Paraná created the Linhas do Conhecimento Program to assist teachers and school units in this learning process in a non-traditional way. Understanding these issues, the present work had as its general objective, through a bibliographic and netnographic review, carried out in the year 2023, to understand the potential of field classes (school trips/pedagogical tourism) in the citizenship training of children who make up the units in the city of Curitiba. And as specific objectives, understand the meaning of the idea of an educating city; dialoguing with the idea of field classes, known as school trips, as enhancers of learning autonomy and appropriation of the surroundings, as well as analyzing through the Linhas do Conhecimento Program the possibilities offered to schools, checking whether the city is prepared for children. Analyzing the program and checking what is made available to the community on the website, it is not possible to conclude whether there is potential for field classes, since there is no space to insert the pedagogical documentation made by the participating units, there is only some news punctual.

**Keywords:** Educating city, Linhas do Conhecimento, Local History

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do site oficial da Prefeitura de Curitiba. Fonte: A autora.....	29
Figura 2 – Menu com opções para redirecionamento. Fonte: A autora. ....	30
Figura 3 – Menu com a opção Educação. Fonte: A autora. ....	30
Figura 4 – Menu com a opção Portal da Educação. Fonte: A autora. ....	30
Figura 5 – Menu com a opção Secretaria. Fonte: A autora.....	31
Figura 6 – Menu com a opção Programa Linhas do Conhecimento. Fonte: A autora .....	31
Figura 7 – Capa do site, do Programa Linhas do Conhecimento. Fonte: A autora. .....	32
Figura 8 – Menu de opções dos projetos. Fonte: A autora.....	33
Figura 9 – Aba inscrição. Fonte: A autora .....	33
Figura 10 – Proposta de ampliação cultural. Fonte: A autora. ....	34
Figura 11 – Proposta Rota: Aula de Campo. Fonte: A autora .....	35
Figura 12 – Proposta Rota: Explicação sobre. Fonte: A autora. ....	35
Figura 13 – Proposta Aulas de campo local. Fonte: A autora. ....	36

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	8
2	CONHECENDO CURITIBA .....	11
2.1	UMA CIDADE ORGANIZADA! UMA CIDADE EDUCADORA.....	12
2.2	A MÍTICA DA CIDADE ORGANIZADA .....	15
3	CONHECENDO ALGUNS CONCEITOS .....	17
3.1	EDUCAÇÃO .....	17
3.2	EDUCAÇÃO PATRIMONIAL .....	18
3.3	PATRIMÔNIO CULTURAL.....	21
3.4	TURISMO PEDAGOGICO .....	24
3.5	HISTÓRIA LOCAL E PERTENCIMENTO .....	25
3.6	ESPAÇO E TERRITÓRIO .....	26
4	ANÁLISE DO SITE DE CURITIBA.....	29
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	38
	REFERÊNCIAS .....	40

## 1 INTRODUÇÃO

Pensar na relação história local e aprendizagem, faz com que se compreenda que não se aprende apenas dentro dos muros das escolas, e isso é um primeiro passo para que o indivíduo se sinta pertencente dos espaços onde habita, e que há uma história entrelaçada em cada pedaço desse lugar.

Curitiba é considerada por algumas lideranças políticas “uma cidade educadora”, ou seja, em tese há um planejamento dentro da cidade pensado para o aprendizado da cidadã/cidadão, onde todo território da cidade deve ser educativo. Mas o que é uma cidade educadora? Segundo a carta das cidades educadoras de Barcelona 1990 é aquela que “reconhece, exercite e desenvolva para além das funções tradicionais [...] uma função educadora, quando assume a intencionalidade e responsabilidade”.

Pensando em assumir este viés, Curitiba criou programas para viabilizar e sustentar esse título de cidade educadora. Um deles é o Linhas do Conhecimento que teve uma versão em 1990, e em 2017 foi melhorado e ampliado, ambas as versões sob o governo do prefeito Rafael Greca. Tomando a análise deste programa como objeto de pesquisa neste trabalho de conclusão de curso algumas indagações surgiram, como por exemplo: Como esse programa pode de fato contribuir ou até mesmo enriquecer o entorno próximo? De que maneira ele auxilia no processo de pertencimento nas crianças que frequentam as unidades educacionais municipais da cidade que utilizam esse programa? Como os aparelhos da cidade são utilizados para potencializar os passeios escolares?

Essa pesquisa visou responder essas perguntas através da análise do site da prefeitura de Curitiba, em diálogo com o estudo teórico e do trabalho pedagógico vinculado às aulas de campo (muito conhecidas como passeios escolares ou turismo pedagógico), buscando conceituar alguns temas que se fizerem necessários para compreender as potencialidades desta abordagem da cidade como espaço cidadão e educativo bem como os limites que a proposta do projeto Linhas do Conhecimento apresentou.

Portanto o presente trabalho teve como objetivo geral compreender a potencialidade das aulas de campo (passeios escolares/ turismo pedagógico) na formação cidadã das crianças que compõem as unidades na cidade de Curitiba. E como objetivos específicos compreender o sentido da ideia de cidade educadora;

dialogando com a ideia das aulas de campos, conhecidas como passeios escolares, como potencializadoras de aprendizagem da autonomia e na apropriação do entorno, bem como analisar através do programa linhas do conhecimento as possibilidades oferecidas as escolas, verificando se a cidade está preparada para as crianças.

Segundo Gil (1999) há uma diversidade enorme de métodos que possibilitam a investigação de algo diante da ciência, e assim determinam como será realizado esse caminho até o conhecimento, afirmando que os caminhos são distintos entre as ciências e exemplifica como a matemática se difere da física, e essa se difere da astronomia, por exemplo, reforçando a importância de classificar os métodos para que sejam mais bem compreendidos.

Lakatos e Marconi (2010) completam a ideia ressaltando, que o conhecimento científico é transmitido através de procedimentos que visam explicar os fenômenos da sociedade, e o que difere o conhecimento popular do conhecimento científico são os caminhos percorridos, ou seja, os métodos e técnicas que são utilizados para obtenção do conhecimento. Afirmam ainda que a ciência usa da racionalidade, da sistematização e de mecanismos para verificações, e assim a partir dessas informações obtêm-se o tipo de pesquisa, a técnica utilizada no estudo e a forma de coleta de dados.

A presente pesquisa se caracteriza segundo Lakatos e Marconi (2010) como qualitativa, pois não tem a preocupação com dados numéricos, mas sim com a compreensão de conceitos da sociedade e suas organizações, bem como com o contexto problema do objeto de pesquisa.

E com os avanços das tecnologias novas formas de pesquisas vão se inserindo nos processos de desenvolvimento da ciência. Para Silva (2015) as técnicas de pesquisas que utilizando computadores e a internet como fonte de dados são chamadas de netnografia. Ressalta que uma das primeiras decisões em relação a essa técnica, e poderíamos dizer de quaisquer outra, versa sobre definir questões, temas, bem como identificar um grupo a ser estudado, interagindo de maneira social, utilizando de ferramentas de buscas apropriadas para a ocasião, informa ainda que:

Durante a coleta e análise de dados três tipos de capturas são importantes: dados arquivais, dados extraídos e dados de notas de campo. A primeira coleta consiste em copiar diretamente de comunicações mediadas por computador dados da página, blog, site da comunidade ou grupo observado, assim como fotografias, trabalhos de arte e arquivos de som, dados cuja criação e estimulação o pesquisador não esteja diretamente envolvido. A segunda coleta refere-se aos dados extraídos que o pesquisador cria por

meio da interação com os membros, tais como dados levantados por meio de entrevistas por correio eletrônico, batepapo, mensagens instantâneas etc. O terceiro tipo de coleta diz respeito às notas de campo experienciadas pelo pesquisador, sobre as práticas comunicacionais dos membros das comunidades, suas interações, bem como a própria participação e o senso de afiliação do pesquisador etc (SILVA, 2015, p. 340).

Segundo Soares e Stengel (2021) essa modalidade de pesquisa científica criativa surgiu para que os pesquisadores pudessem estar conscientes de um mundo dinâmico e online, “mas ela só é uma ferramenta realmente poderosa para descobrir como a internet faz sentido para as pessoas se os pesquisadores estiverem dispostos a adaptá-la e abri-la a todas as diferentes dimensões” (SOARES; STENGEL, 2021, p. 2). Ademais ressaltam que por conta da flexibilidade e adaptação das variantes desses novos processos de pesquisa é que a netnografia é um método inovador, que pode tirar o pesquisador dos métodos tradicionais, auxiliando na construção do conhecimento da sociedade de maneira adequada ao contexto contemporâneo.

A presente pesquisa optou pela netnografia para coletas de dados, utilizando a primeira maneira descrita por Silva (2015), como metodologia.

A fim de organizar a pesquisa para melhor compressão, o presente trabalho foi dividido em quatro capítulos da seguinte forma: O primeiro é: Conhecendo Curitiba, onde é abordado a história da capital paranaense, conceitos sobre cidade educadora e a mística de Curitiba como cidade modelo. Em seguida, no segundo capítulo, são apresentados os conceitos teóricos que auxiliaram na análise do site da prefeitura de Curitiba, sendo eles: Educação tratando algumas definições como a de Émile Durkheim (2011); a educação patrimonial nas definições de Costa (2009) e Lisita (2008), no conceito de patrimônio cultural vários autores foram consultados tais como Coelho (1997) e Dias (2007), turismo pedagógico com Milan (2007), história local com Germinari (2010) e Godoy (2019), espaço, território e cidadania. O terceiro capítulo vem trazendo a análise do programa Linhas do Conhecimento propriamente dita. Nas considerações finais são apresentadas as limitações e sugestões sobre o Programa Linhas do Conhecimento.

## 2 CONHECENDO CURITIBA

A capital do estado do Paraná, foi inicialmente nomeada como Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, após a instalação e primeira eleição da câmara pelo capitão-povoador Matheus Martins Leme. Esse evento marcante ocorreu em 29 de março de 1693. Logo depois, 1721, passou a ser chamada de Curitiba, uma variação de Kur yt yba, palavra Guarani que significa pinheiral ou “muito pinheiro”, conhecida como Araucária Angustifolia ou Pinheiro do Paraná, essa árvore era abundante na região quando a colonização chegou nessas terras, sendo sua semente, o pinhão, muito apreciado, tanto pelas pessoas quanto por uma ave chamada gralha azul (CURITIBA, 2023).

Ouvidor Raphael Pires Pardiniho que visitou a vila, e auxiliou na mudança de nome e de rotina, foi provavelmente a primeira autoridade a se preocupar com o meio ambiente, estabelecendo algumas normas, tais como: Corte de árvores somente em espaços delimitado; limpeza do rio em frente à igreja; casas sendo construídas com telhados de maneiras uniformes e só após autorização da câmara e ruas sendo continuadas para que a cidade crescesse. Preocupação que até hoje Curitiba cultiva, angariando reconhecimentos internacionais (CURITIBA, 2023).

No início foi esquecida pela capitania de São Paulo e passou por muitas dificuldades, contudo como ficava em um ponto estratégico na rota do tropeirismo, no caminho de Viamão, de São Paulo às Minas Gerais, foi se desenvolvendo e prosperando, auxiliando o Paraná para sua emancipação, conquistando assim o título de capital em 1853 (CURITIBA, 2023).

Ao longo dos anos e dos ciclos econômicos (erva-mate, tropeirismo, agricultura de subsistência, etc) Curitiba foi se organizando e se adaptando, com a força de trabalho *das pessoas escravizadas libertas que ali habitavam* [grifo da autora], bem como da imigração de europeus, e esse planejamento não ocorreu de maneira aleatória, e sim com uma gestão municipal de forma consciente, fazendo com que a capital do Paraná, fosse conduzida a ser referência em sustentabilidade e tecnologia (CURITIBA, 2023).

O Instituto de Pesquisa e Planejamento de Curitiba, conhecido como IPPC traz dados atuais sobre como a cidade se desenvolveu ao longo dos anos. Hoje a capital do estado do Paraná é distribuída em 10 regionais administrativas: Matriz, Bairro Novo, Boqueirão, Boa vista, Cajuru, CIC, Pinheirinho, Portão, Santa Felicidade e

Tatuquara. E dentro dessas regionais são mais de 250 espaços de cultura e lazer que a cidade oferece, com administrações particulares, municipais, estaduais e federais. Podemos citar alguns exemplos de espaços como os 40 museus incluindo o Museu Oscar Niemayer e do Museu da Gravura e claro os tão famosos mais de 45 parques e bosques que Curitiba possui, sem contar o Jardim Botânico. A Grande maioria desses atrativos fica localizado na região da regional Matriz (IPPC).

## 2.1 UMA CIDADE ORGANIZADA! UMA CIDADE EDUCADORA

As experiências pessoais ao longo da vida contribuem para o crescimento intelectual e a maneira como esse cidadão enxerga a própria sociedade, melhorando sua qualidade de vida e mudando muitas vezes a realidade onde vive. Para Althusser (1985) a escola é utilizada apenas como um meio de transmitir o que o Estado quer como modelo de sociedade, e que era apenas nesse espaço que o conhecimento e aprendizagens podiam ser repassadas sendo um aparelho ideológico. Contudo novos conceitos foram surgindo, pensando em algo mais amplo, onde todas as vivências no meio social reverberavam na construção de um cidadão consciente e preocupado com o próprio meio, um desses conceitos seria chamado de “Cidade educadora” onde todas as estruturas da cidade, são agentes pedagógicos, ou seja, são pensadas e planejadas para o crescimento intelectual/cultural de seus habitantes, sejam eles crianças, adultos ou idosos (BEI, 2022)

Algumas cidades se organizaram, entendendo que o progresso de seus habitantes não poderia ficar como mera eventualidade, mas que deveria ser intencionalmente planejado para que todas as potencialidades (tanto das cidades, quando dos habitantes) fossem usufruídas. Então 1990 se reuniram na cidade de Barcelona, na Espanha, no que chamaram de o I Congresso Internacional das Cidades Educadoras, e redigindo um documento intitulado “Carta das Cidades Educadoras” que contém os princípios básicos para que uma cidade seja considerada uma Cidade Educadora. Esse documento foi revisado mais três vezes (em 1994, 2004 e 2020) para se adaptar às mudanças que acontecem nas sociedades. A carta foi baseada em declarações, convenções e pactos internacionais, como dos direitos humanos, direitos econômicos e discriminações raciais, entre outros (BEI, 2022).

Em 1994, em Barcelona, a Associação Internacional de Cidades Educadoras (AICE) foi fundada. Trata-se de uma associação sem fins lucrativos que auxilia na

colaboração e fiscalização dos municípios associados. Para se tornar uma cidade educadora o município, na representatividade do prefeito, deve enviar um projeto para a câmara dos vereadores e se aprovado deve mandar a documentação para a AICE (BEI, 2022)

Curitiba foi credenciada em 2019 como uma cidade educadora, e em 2021 foi eleita como coordenadora da Rede Brasileira de Cidades Educadoras (REBRACE) e será sede do XVII Congresso das Cidades Educadoras que ocorrerá em maio de 2024, com o tema: “Sustentabilidade, Inovação e Inclusão na Cidade Educadora: transformando o presente” (CURITIBA, 2021; IAEC, 2023).

Pode-se indagar o que faz uma cidade querer fazer parte desse *roll*? A intencionalidade no educar! Ofertando atividades, tanto de maneiras formais quando informais, criando hábitos que melhorem a qualidade de vida de seus habitantes e colocando em prática os princípios da Carta. São três os princípios básicos que constituem uma cidade educadora, que por sua vez se ramificam e se aprofundam, sendo eles:

- 1- **O direito à cidade Educadora** (Educação inclusiva ao longo da vida, política educativa ampla, diversidade e não discriminação, acesso à cultura e diálogo intergeracional);
- 2- **O compromisso da cidade** (Conhecimento do território, acesso à informação, governança e participação dos cidadãos, acompanhamento e melhoria contínua, identidade da cidade, espaço público habitável, adequação dos equipamentos e serviços municipais e sustentabilidade) e
- 3- **O serviço integral das pessoas** (Promoção da saúde, formação de agentes educativos, orientação e inserção laboral inclusiva, corresponsabilidade contra as desigualdades, promoção do associativismo e do voluntariado e educação para uma cidadania democrática e global).

Ainda que todos os princípios sejam importantes para o pleno desenvolvimento do cidadão, aqui o enfoque será em “Acesso à cultura” segundo o qual:

A Cidade Educadora promoverá o direito à cultura e a participação de todas as pessoas, sobretudo dos grupos em situação de maior vulnerabilidade, na vida cultural da cidade como forma de inclusão, promovendo o sentimento de pertença e de boa coexistência. Para além da fruição dos bens culturais, esta participação cultural incluirá o contributo que todos os cidadãos podem dar para uma cultura viva e em mudança e o envolvimento da sociedade civil na gestão de equipamentos e iniciativas culturais [...]. (CARTA, 2020, p. 15).

E na “identidade da cidade” que consiste em:

A cidade tem de saber encontrar, preservar e apresentar a sua identidade própria, complexa e mutável, bem como valorizar o património material e imaterial e a memória histórica que lhe confere singularidade. Esta é a base para um diálogo fecundo com o meio ambiente e com o mundo. A valorização dos seus costumes e das suas origens deve ser compatível com os direitos humanos. Ao mesmo tempo, oferecerá uma imagem atrativa sem desvirtuar o seu ambiente natural e social, promovendo entre os seus habitantes o sentimento de pertença e de responsabilidade partilhada. (CARTA, 2020, p. 19)

Curitiba, como Cidade Educadora, buscou implementar políticas que auxiliam nesse processo de desenvolvimento de seu cidadão/cidadã, a começar pelas crianças, através de atividades fora dos espaços escolares. Quem coordena essa saída das crianças das unidades educacionais para que elas tenham ampliado o acesso à cultura e identificando seu lugar de pertencimento, suas histórias locais e o território onde vivem é o Programa *Linhas do Conhecimento*, através de uma educação patrimonial, valorizando o entorno próximo, mas ressaltando a importância de conhecer o patrimônio cultural de toda a cidade. O programa tem como objetivo proporcionar experiências profundas e significativas nos espaços da cidade através de parcerias com projetos nas unidades escolares, promovendo:

o fortalecimento da consciência urbana, da sustentabilidade e da identidade cidadã por meio da pertença dos sujeitos aos espaços da cidade, envolvendo professores, crianças e estudantes em práticas de exploração e conhecimento de Curitiba, considerando três pilares fundamentais: conhecer, amar e cuidar da cidade (CURITIBA, 2017).

O programa Linhas do Conhecimento teve uma versão de menor impacto nos anos de 1990 na gestão do Prefeito Rafael Greca, criando a Linha Pinhão e promovendo alguns passeios aos atrativos centrais. Com seu retorno ao mandato a prefeitura de Curitiba em 2017, o Prefeito Rafael Greca juntamente com sua equipe optou pelo retorno do Programa, agora inserido com novas perspectivas diante dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e dos objetivos da Carta das Cidades Educadoras, sendo assim acabando por ajudar os professores e professoras de Curitiba, na utilização dos espaços urbanos para a aprendizagem que podem acontecer fora dos muros da escola.

Tem como símbolo uma Araucária, pois segundo o programa, ela:

[...] evoca o pertencimento, a história e o germinar do futuro concebido em sua herança. Igual à semente da frondosa Araucária, cada criança, cada curitibinha, na seiva de nossa história se forma, se nutre, despontando sob o sol da vida em uma nova Araucária: altiva, conhecedora de sua herança e

imponente herdeira de um legado maior. Legado esse da qual faz parte – ora construindo, ora recordando sempre, não apenas como tênue lembrança, mas como um tesouro inigualável cuja seiva é fonte perene de suas próprias raízes. (CURITIBA, 2018, p. 9)

Ressaltando a importância do sentido de pertencimento que a cidadã e o cidadão devem ter, nutrindo isso desde a infância com as atividades oferecidas aos estudantes da educação infantil e ensino fundamental, abarcando também as diretrizes curriculares. Essas atividades que são descritas como aula de campo locais, onde é valorizado o entorno a cultura e os espaços onde as crianças habitam, e a aula de campo de rota, que se difere pois são direcionadas as visitas aos parques, museus espalhados pela cidade, necessitando assim de transporte. Ambas as situações contam com a ajuda de um mediador responsável, lotado na regional onde a unidade interessada no programa está situada. Também é possível solicitar o apoio da guarda municipal em aula de campo locais. (CURITIBA, 2018)

## 2.2 A MÍTICA DA CIDADE ORGANIZADA

Ao analisar o histórico descrito no site da cidade Curitiba, sobre seu passado e fundação, percebe-se ali o quando os gestores querem fortalecer a representação (Chartier, 1991) que desde os primórdios, mesmo sem as estruturas adequadas, a cidade já se organizava de maneira a se tornar uma capital planejadamente inteligente, sustentável e educadora. Segundo Germinari (2010) Curitiba tem a aparência, com seu planejamento urbanístico, de uma cidade bem sucedida:

Nas últimas décadas do século XX, a cidade de Curitiba conseguiu projetar uma imagem positiva da sua gestão urbana, que ultrapassou as suas fronteiras geográficas, o que lhe rendeu a alcunha de cidade modelo para todo o país, bem como um interesse crescente pela sua experiência na área do planejamento urbano (GERMINARI, 2010, p. 76).

Contraopondo essa ideia Oliveira (2000) ressalta que há uma mistificação diante da leitura desses fatos, com um olhar mais sensível, bem como com uma investigação aguçada, pode-se verificar que não há uma forma linear de falar dessas representações de cidade modelo, nem tampouco descartá-las por completo. Afirma que o que proporcionou a Curitiba esse título não foi sua gestão urbana e sim sua

gestão política que promulgou a imagem desse planejamento adequado com um plano nacional, segundo Germinari (2010, p. 78):

No plano nacional o desenvolvimento da política urbana de Curitiba foi favorecido pela política econômica do regime militar, instaurada depois do golpe de estado em 1964, e pela adequação econômica nacional à internacionalização capitalista [...] O plano urbano de Curitiba previa a criação de espaços exclusivos para residências, comércios e indústrias; a revitalização de espaços públicos (principalmente do centro, com a criação do setor histórico, e para a preservação dos edifícios mais antigos); criação de novos lugares de encontro para a população; valorização do transporte coletivo em detrimento do uso do automóvel particular.

Nessa perspectiva Souza (2001) traz a reflexão de como a divisão da cidade em zonas, para além da funcionabilidade, também as faz excludentes, pois cada zona tem o que lhe é necessário, tendo em vista a perspectiva do poder público.

Um ponto discutido por Oliveira (2000) é que os esforços para restauro e valorização do patrimônio cultural, durante a implementação do plano, se deu principalmente nos que tratavam de cultura imigrante eurocentrada (alemã, polonesa e italianos), partindo da ideia de modernização e prédios centrais. Ademais observa que a ideia de que o homem integrado à cidade e a tradição, como cidadão curitibano orgulhoso, na verdade estava a serviço da elite.

### 3 CONHECENDO ALGUNS CONCEITOS

Em razão dos objetivos desse estudo, faz-se necessário delimitar e aprofundar alguns conceitos para melhor compreensão de todo o contexto das aulas de campo no entorno das unidades educacionais.

#### 3.1 EDUCAÇÃO

Para Durkheim (2011) a educação é a ação que um humano exerce sobre o outro dentro de um sistema de ensino, principalmente quando há diferença de faixa etária e que não há uma forma adequada de se fazer isso, mas que se deve buscar um relato histórico sobre os sistemas educacionais existentes para que haja uma comparação. Contudo, a conceituação de Durkheim é limitante e determinista, uma vez que ressalta que cada indivíduo estará pré-disposto a exercer uma função na sociedade, mesmo com a influência dos outros indivíduos; para ele “Nem todos nós somos feitos para refletir; são preciso homens de sensação e de ação” (Durkheim, 2011, p.44).

Uma conceituação mais ampla consideraria necessário às crianças aprender a compreender a vida para além dos sistemas escolares. Assim, para saber se articular no ambiente em que vivem, no seu mundo, é importante que o saber comunitário se agregue ao saber que as escolas produzem. E quando se vai a campo nos passeios escolares é esse valor do saber comunitário, do saber fora de sala de aula, que deve ser transmitido para os alunos, pois:

Toda leitura da palavra pressupõe uma leitura anterior do mundo, e toda leitura da palavra implica a volta sobre a leitura do mundo, de tal maneira que “ler o mundo” e “ler a palavra” se constituem um movimento em que não há ruptura, em que você vai e volta. E “ler o mundo” no fundo, para mim, implica “reescrever o mundo”. Reescrever com aspas quer dizer transformá-lo. A leitura da palavra deve ser inserida na compreensão da transformação do mundo que deve remeter-nos, sempre, à leitura de novo mundo (BETTO, FREIRE, 2001, p.15).

Portanto, pode-se afirmar que aprender sobre o lugar onde vivem é fundamental, para que possam intensificar o sentido de pertencimento ou ainda faz-se necessário que os alunos conheçam o seu mundo para poder transformá-lo, se assim o desejar.

Segundo Brandão (2003), ninguém está imune à educação, seja ela em uma instituição religiosa, seja em casa, seja na rua, seja na escola, todas as pessoas estão fadadas a isso, de uma maneira ou de outra, e que a cada momento na vida haverá a mistura de educação. O que corrobora com o pensamento de Durkheim (2011) que a educação pode ser singular e múltipla, onde singular reforça a ideia de que até certa idade o indivíduo teve ter a mesma educação, e quando fala sobre ser múltipla, traz a ideia de que haja diversidade e especificidade para cada indivíduo.

Para Brandão (2003) não há uma fórmula exclusiva para educação e que a escola não é o único lugar onde se pode obtê-la, ressalta que talvez nem seja a melhor forma de se ensinar, onde o professor profissional não seja o único a praticar esse ato, nesse contexto.

### 3.2 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Atividades que envolvam um olhar sensível, são uma das principais ferramentas para a educação patrimonial, sendo essa de suma importância, pois auxilia o indivíduo nos processos de aprendizagem e conhecimento da cultura local, e também na valorização e apropriação do patrimônio, desfrutando desses e se permitindo obter novos conhecimentos e novas experiências, num processo constante em relação a cultura (COSTA, 2009). Para Lisita (2008) a educação patrimonial auxilia no desenvolvimento crítico e integração do cidadão com a sociedade.

Para Costa (2009) a educação patrimonial acontece de forma sistêmica e constante, pois é um trabalho minucioso e permanente que requer muito estudo, a fim de obter o conhecimento, sendo este mais um instrumento para uma nova estrutura na educação, e que apesar da prática ser encontrada em diversos locais, ela não é difundida de maneira a ser atraente a todos os olhares, Costa (2009, p. 99), enaltece ainda que “a educação patrimonial reconhece como princípio básico que os indivíduos aprendem melhor por meio da vivência de experiências diretas com bens do patrimônio”. As atividades de interpretação dentro do contexto de educação patrimonial são utilizadas para a orientação de grupos de escolas, e assim contribuem nos processos pedagógicos desenvolvidos pelas instituições de ensino (COSTA, 2009).

Segundo Costa (2009), é considerado um erro, a educação patrimonial ser apenas um mecanismo, que ajuda nas outras disciplinas que fazem parte da grade

curricular, ressalta que essa ferramenta poderia ser trabalhada de uma forma mais abrangente, a fim de garantir o desenvolvimento dos indivíduos partindo da premissa de uma alfabetização de forma visual, permitindo que novas experiências aconteçam dentro de novos ambientes, bem como o contato com outros indivíduos e o contato consigo mesmo diante de novas perspectivas, ainda entendendo e respeitando o ambiente, com o intuito de dar o valor devido a herança cultural deixada, e indo além daquele espaço, podendo se tornar voluntário e participante ativo na defesa dos bens patrimoniais.

O indivíduo que participa da educação patrimonial acaba por fazer uma leitura do mundo que o cerca, possibilitando assim um maior envolvimento, bem como um maior conhecimento das atividades relacionadas com a sociedade onde vive. Lisita (2008), reafirma que a aproximação do indivíduo com o patrimônio cultural ajuda no processo de aprendizagem da cultura, e o influencia de forma positiva na formação da identidade, corroborando com Costa (2009), quando afirma que a preservação do patrimônio e a reflexão sobre o futuro dependem de um trabalho educativo, onde os indivíduos são agentes da história, valorizando a memória e a identidade local.

Lisita (2008, p. 33), ressalta que “a educação patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e, a partir de suas manifestações, despertar no aluno o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida pessoal e coletiva”, sendo o patrimônio um ambiente propício para novos entendimentos despertando a curiosidade e fazendo com que o indivíduo busque maiores informações sobre tal elemento, e assim analisando o passado, durante as aulas de educação patrimonial, pode se entender o presente e esclarecer questões mais amplas sobre o futuro. Acentua que:

As escolas podem e devem participar deste processo de apropriação, através de visitas a museus, arquivos, bibliotecas públicas e de outras ações de investigação e análise de documentos que os professores podem e devem utilizar como peças chave no desenvolvimento dos currículos e não simplesmente como mera ilustração das aulas (LISITA, 2008, p 34).

Lisita (2008) ainda afirma que as escolas não devem ter o patrimônio apenas como figura ilustrativa das aulas, reforça a ideia de que a educação patrimonial não pode ser tida apenas como complemento da grade curricular, mas deva ser uma estratégia para a ampliação do conhecimento, ajudando na compreensão da diversidade de culturas existentes na sociedade, bem como na compreensão e na

reflexão acerca da preservação dos mesmos, reiterando que apenas quem tem o conhecimento sobre o assunto dará a devida valorização, transformando a realidade e enaltecendo as identidades culturais, restaurando de alguma forma a memória e fazendo com que um povo já esquecido se torne presente, e também auxiliando sempre nas questões do presente, “considera-se então, que a educação patrimonial possibilita a qualquer comunidade reapropriar-se de símbolos, de ícones, de lugares, de monumentos e tradições que foram importantes para ela” (LISITA, 2008, p 36). Sendo uma comunidade ativa na prática de educação patrimonial, se tornam propulsoras das suas localidades, restaurando a cultura diante da sociedade.

Para Albano e Murta (2005) é através de um olhar sensível que a valorização do patrimônio natural e cultural acontece, aumentando assim o conhecimento que o visitante tem acerca do local, aprendendo cada vez mais, pois o local que a princípio é estranho ao indivíduo, mas que fará parte de suas experiências enquanto visitante reformulando assim os significados e símbolos sobre determinada região/ lugar, devendo ser explorado de forma saudável, através das dúvidas e de novos olhares. E assim, destacam que a partir dessas informações acerca do patrimônio, o visitante vai se sentir pertencente também àquele lugar, o tornando especial e fomentando novos olhares e novos tipos de apreciação.

Segundo Meneses (2006), são utilizados inúmeros artifícios para esse olhar ao patrimônio e sua história, contudo ressalta que se não houver um planejamento ao invés de preservar, o que ocorrerá na localidade será a degradação, e cita o exemplo do Pelourinho, em Salvador/ BA, quando houve sua preservação histórica, mas a população não participou do processo e não contribuiu efetivamente para a preservação, acentuando a importância de um projeto de sustentabilidade dentro do planejamento interpretativo. Cita ainda Ouro Preto/ MG como um bom exemplo de como um olhar atento fez a diferença no desenvolvimento e preservação da comunidade, enaltecendo assim o patrimônio de cidade.

Ainda de acordo com Meneses (p. 54), “interpretar um patrimônio é torná-lo atrativo para outros conhecerem”, e pode se dividir essa atenção em três eixos. O primeiro seria a relação da interpretação com o dia-a-dia da população, o segundo criar mecanismos para que os agentes que interpretam o patrimônio sejam solidários a realidade local e por fim nunca desfazer a relação que a interpretação tem com identidade local. Ressalta que a interpretação para muitos é uma atividade prática e material, contudo revela que o interpretar “é tornar possível um entendimento daquilo

que não é o cotidiano de quem vê; daquilo que, na maioria das vezes, é exótico e aguça a curiosidade de saber e aprender” (MENESES, 2006, p. 55).

Como já visto ter um olhar atento e sensível não é apenas ter as informações acerca do local, mas também a inserção de valores para tal patrimônio, não é um evento isolado e é decorrente de uma gama de processos contínuos, envolvendo sempre a comunidade, em todas as esferas do tempo (ALBANO; MURTA, 2005).

De acordo com Albano e Murta (2005), a educação patrimonial consiste no restauro e manutenção dos espaços físicos do patrimônio, auxiliando na limpeza das fachadas, nas placas, sinalizações e letreiros, incentivando para que esses elementos contenham a essência do local. Ressaltam ainda que o planejamento encoraja a capacitação, que resulta em um desenvolvimento local, a fim de assegurar a participação através do planejamento pode-se obter uma série de benefícios para a localidade, em todos os aspectos. É necessário também, definir um mapa do local e do seu entorno, para entender e aprimorar as formas que serão trabalhadas, a fim de garantir a conservação e a orientação do fluxo de visitantes, sendo necessário além de verificar as condições do patrimônio, também é importante contar com profissionais qualificados que darão suporte envolvendo-se com o ambiente, a fim de garantir o envolvimento dos visitantes.

Para Meneses (2006), por mais planejadas que possam estar essas atividades é necessário antes de tudo analisar a realidade local e disponibilizar instrumentos de acordo com a educação patrimonial que deseja realizar, de acordo com as estratégias que pretende adotar.

Se os recursos, durante a estratégia, tiverem o papel de induzir o indivíduo no processo de aprendizagem, esse será desenvolvido por uma sensibilidade extraordinária e os visitantes sairão mais satisfeitos com o resultado, por isso o planejamento é tão importante, para que os recursos e materiais sejam adequados, independentemente do tipo do local (COSTA, 2009).

### 3.3 PATRIMÔNIO CULTURAL

Partindo do pressuposto de que o conhecimento faz parte da cultura e que os atrativos turísticos que, em muitos casos, são utilizados nas aulas de campo são de cunho cultural e alguns até são considerados patrimônios culturais, pode-se definir cultura segundo Goulart e Santos (1998), sendo as relações que os grupos mantêm

entre si, no interior da própria cultura e com outras culturas, são comportamentos aprendidos que não correspondem a herança biológica e que são transmitidas através da interação e da comunicação dos membros de uma sociedade. Para os autores essa comunicação se dá por meio de símbolos que representam as sociedades, e que o contato se faz necessário, para eles esse contato amplia os horizontes, bem como os pensamentos, fazendo com que o ser humano de uma localidade se sinta muito próximo de outro ser humano, mesmo que distante fisicamente.

A cultura de um povo está relacionada com a convivência entre os indivíduos que fazem parte desses grupos. Todo ser humano em seu comportamento é capaz de realizar atividades complexas e repassar informações a outras pessoas, pois os padrões de comportamento e convivência são aprendidos e não transmitidos geneticamente. Esse processo de aprender-ensinar e relacionar-se constitui a cultura de um povo. O termo cultura e patrimônio estão estritamente ligados ambos fazem parte de uma localidade determinada e não podem simplesmente ser transferidos para outros povos.

Já no Brasil a palavra patrimônio esteve correlacionada a conjuntos arquitetônicos e os bens materiais do qual se compunham necessariamente teriam um proprietário, devido a isso, sempre se confunde patrimônio com propriedade. Porém muitos desses bens materiais, não são utilizados somente com propósitos práticos, mas também são repletos de significados mais amplos, representando as características dessa sociedade. As relações sociais entre os indivíduos influenciam no comportamento desse perante ela mesma, sendo, nesse sentido, o patrimônio cultural, o resultado das ações do homem em sociedade, destacando que o homem seja capaz de sobreviver em seu ambiente natural utilizando suas habilidades adquiridas com o processo de aprendizagem, o saber e o saber-fazer, fazem parte do patrimônio cultural que não pode ser tocado, aquele que é imaterial (CARDOZO; MELO, 2009; IRVING; AZEVEDO, 2002; ABREU; CHAGAS, 2009).

Patrimônio cultural para Martins (2003), são os elementos naturais, o meio do qual o indivíduo faz parte e os elementos simbólicos. Ele ressalta que a maneira como as coisas são feitas e que esse modo de agir e fazer também são patrimônios culturais.

Coelho (1997), entretanto, acrescenta que o patrimônio não se caracteriza apenas pela presença na atividade humana, ampliando o entendimento para:

O grande papel do patrimônio cultural é o da manutenção, construção ou reconstrução da identidade (pessoal e coletiva) de modo sobretudo a proporcionar, ao indivíduo e ao grupo: a) um sentimento de segurança, uma raiz, diante das acelerações da vida cotidiana na atualidade; b) o combate contra o estranhamento das condições de existência, ao proporcionar a vinculação do indivíduo e do grupo a uma tradição. (COELHO, 1997, p. 288).

Diante dessas afirmações verifica-se que o patrimônio cultural é tudo o que está relacionado com a cultura de uma sociedade, nesse contexto Chou e Andrade (2005, p. 67), apresentam que “o patrimônio cultural de um povo não está somente restrito ao acervo confinados em salas de museus, mas engloba também os elementos que compõem os espaços urbanos.”. Sendo que esses espaços muitas vezes não são utilizados de maneira correta sofrendo assim degradações e depreciações, sendo necessárias medidas públicas, para que esse patrimônio que faz parte do ambiente urbano seja novamente um ambiente aprazível de se frequentar. O patrimônio tem uma importância para caracterizar diferentes realidades, diferentes povos. Isso pode trazer benefícios para a população do qual faz parte (IRVING; AZEVEDO, 2002, p.136).

Segundo Dias (2006, p. 202), esse patrimônio faz parte do desenvolvimento das “antigas comunidades” que perpassam de geração em geração para inserir a cultura nas sociedades atuais, sendo um modo de identidade para esses, tornando assim a cultura presente em todas as sucessões da localidade, dando continuidade à história. Afirma que esse patrimônio cultural está em constante mudança, criando e se recriando, ou seja, suas funções são alteradas constantemente, ora para instruir na identificação de um povo, ora para lembrar e somente isso.

Dias (2006), ressalta ainda que devido a essa diversidade cultural, seja no carnaval, seja nas aulas expositivas em sítios patrimoniais, as visitas técnicas dentro no próprio país tem crescido consideravelmente, por conta das manifestações culturais em todo território nacional, aumentando assim a identidade coletiva, bem como o interesse de gestores públicos e privados, para garantir a manutenção dos elementos que compõem o atrativo, mantendo assim a preservação de características originais, explorando essa diversidade dentro dos bens patrimoniais.

Dias (2006), ressalta que as cidades que valorizaram a sua história e conservaram seus patrimônios, são as mais procuradas para compor a rota de turismo cultural, mas que somente isso não é garantia de um turismo cultural de sucesso, pois

é necessário que sejam associados outros serviços tais como, alimentação, outras exposições, centros de eventos e até meios de hospedagem.

E tem-se ainda uma ramificação do turismo cultural o turismo intitulado como turismo pedagógico, que vem auxiliar nessas questões de conhecimento e aprendizagem acerca da cultura.

### 3.4 TURISMO PEDAGOGICO

De acordo com Milan (2007), a educação e o turismo são áreas muito diferentes, mas que, não são excludentes entre si, pois compartilham da multi/interdisciplinaridade, acentua o fato da educação e o turismo estarem interligados, pois as atividades educacionais relacionadas com o turismo ajudam na prevenção e na suplantação das consequências que o turismo provoca, por outro lado o turismo por si só já é prática de ensino para os indivíduos. Com isso pode-se dizer que viagens são utilizadas com propósitos educacionais, ou seja, que o turismo auxilia na educação contribuindo para que o aluno seja mais ativo e tenha uma percepção no próprio local de visitação.

Assim Milan (2007, p. 31), define turismo pedagógico como sendo a “maneira de oferecer aos estudantes a oportunidade de conhecer melhor uma determinada região por meio de aulas práticas no próprio destino receptor”, independente do objetivo e da disciplina tratada. É uma atividade que requer planejamento, principalmente em se tratando de crianças menores, pois essas necessitam de mais atenção nos ambientes externos.

O turismo pedagógico acaba sendo uma compilação de turismo cultural e educação patrimonial, pois também faz com que o indivíduo tenha novas experiências e aprenda com isso, ajudando no seu desenvolvimento e também na sua identificação com a localidade visitada. O conhecimento adquirido em sala de aula passa a ter mais sentido durante as visitas, fazendo o elo entre todos os saberes, o saber da escola e o saber adquirido fora dela (MILAN, 2007).

Tem como um dos objetivos, segundo Milan (2007), a integração do aluno, com sua participação ativa, bem como a sua transformação em um cidadão preocupado com aspectos mais voltados com a sustentabilidade, adquirindo conhecimento e proporcionando o desenvolvimento pessoal e do meio onde vive.

É importante ressaltar que as visitas técnicas, não são a solução para os problemas com a educação, contudo é um meio que proporcionará uma melhoria contínua no aprendizado através dos atrativos culturais como viu-se com base no referencial teórico.

### 3.5 HISTÓRIA LOCAL E PERTENCIMENTO

Para Gonçalves (2011) quando o indivíduo tem acesso a história do local onde vive, ele acaba por ter vantagens sobre a aprendizagens e compreensão acerca da interpretação de documentos, bem como das mudanças e permanências que ocorrem durante os anos. Assim “o ensino da história local pode contribuir para a formação da consciência histórica do aluno [...] entendendo que a consciência histórica se relaciona diretamente com o processo do aluno de se orientar temporalmente e interpretar o seu cotidiano.” (GODOY, 2019, p.18). Vale ressaltar que os docentes tenham consciência de sua importância nessa aprendizagem, utilizando de múltiplas fontes sobre história local, e sendo mediador no processo de instigação que partir dos alunos, bem como buscar valorizar as ações familiares, as memórias pessoais e coletivas dos alunos e usufruir de forma positiva da vantagem sobre a coleta de dados na comunidade local (GODOY, 2019).

Segundo Prado e Macedo (2013) falar algo familiar, ou seja, algo sobre a história da região onde mora, ou ao menos da cidade onde vive, auxilia no processo de interesse por parte do educando no contexto escolar, pois se textos e assuntos forem apenas inseridos fora dessa realidade material do aluno, serão apenas coisas reproduzidas em telas, os autores ressaltam que o ensino de história nacional e internacional é muito importante, contudo se não tiverem uma base na história local, essa realidade distante pode ficar apenas nos livros.

Assim ter conhecimento sobre o local onde vive, com metodologias científicas, assegura novos olhares para esse cidadão e numa “perspectiva que busca encontrar o que de universal carrega o particular, a História Local aparece como um importante elemento para um ensino de História focado na formação humana” (NIKITA, 2019, p. 182).

Para Cainelli e Santos (2014) a importância que o estudo da história local traz, nos processos de distinção das diferenças, promove no desenvolvimento educativo situações em que no cotidiano de formação de conteúdos não palpáveis, o estudante

sem esse olhar sensível, não perceberia. Os autores ressaltam ainda que não há pluralidade das histórias, silenciando indivíduo, e que todos devem contribuir para uma reflexão sobre o presente, com vistas no passado.

Com esse novo olhar, Rüsen (2010) traz uma ideia de construção sobre a identidade, que vem a partir da consciência histórica que os alunos tem diante da sociedade em que vive, partindo do pressuposto de sua compreensão e interpretação das aprendizagens que tiveram com o ensino de história, entendendo também que essa consciência histórica está relacionada tanto com a orientação temporal quando com a interpretação, fazendo com que o indivíduo se sinta pertencente àquele lugar diante daquelas narrativas, bem como criando identidades que reforcem esse sentimento. Pensar o ensino de história local, é pensar novos horizontes de saberes para o indivíduo internalizar, transformando seu entorno e a si mesmo, juntamente com a análise de tempos e espaços. Assim:

A identidade orienta as pessoas frente à ideia de mudança temporal, de modo que possam permanecer em suas mudanças de vida sem deixarem de ser elas mesmas. Diante disso, é plausível afirmar que a consciência histórica reestrutura as identidades, pelo redimensionamento temporal, ou seja, pelo trabalho de ressignificação histórica das identidades. (GERMINARI, 2010, p.157).

Segundo Germinari (2010), que tem seu estudo voltado especificamente sobre a cidade de Curitiba, a escolarização do jovem faz toda diferença nesse sentimento de pertencimento, ainda que as estruturas valorizem os parques e praças mais famosas da cidade considerada modelo, os jovens terão consciência histórica. E ainda que não de forma direta, o fato de pertencer a algum lugar, faz esse indivíduo ter responsabilidades, mesmo que introjetadas, de conservação desse ambiente, como já visto anteriormente.

### 3.6 ESPAÇO E TERRITÓRIO

Para Santos (1996), o espaço geográfico é real e palpável, contudo, também é a mistura da materialidade com o social, sendo a imagem da sociedade, que para Althusser (1970) é um fator ideológico de controle do Estado. Santos (1996 *apud* Queiroz 2014) definiu o espaço geográfico de diversas maneiras, indissociando até mesmo com suas definições de território. Em alguns momentos definia como os conjuntos eram fixos e fluxos, sendo os fluxos os sistemas bancários, as industriais,

entre outros elementos da economia. Em outros os conjuntos tinham as configurações espaciais e dinâmicas sociais e em outras como conjuntos indissociáveis, complementares e contraditórios (QUEIROZ, 2014, p. 155)

Para Saquet e Silva (2008) também com base nos textos de Milton Santos:

o território pode ser considerado como delimitado, construído e desconstruído por relações de poder que envolvem uma gama muito grande de atores que territorializam suas ações com o passar do tempo. No entanto, a delimitação pode não ocorrer de maneira precisa, pode ser irregular e mudar historicamente, bem como acontecer uma diversificação das relações sociais num jogo de poder cada vez mais complexo (SAQUET; SILVA, 2008, p. 33).

Assim também pode se dizer que a dialética que torna o território, um espaço, é a relação com a causa/tempo e força de trabalho encrustada na história dele:

A configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens superimpuseram a esses sistemas naturais. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. (Santos, 1996, p.51).

Aqui pode se observar que ocorre a distinção de território e espaço, o que não acontecia nos primeiros textos de Milton Santos. Com um olhar mais maduro e sensível conseguiu, a partir de suas observações, abranger as definições de espaços e territórios.

Santos (2004) vai ressaltar a importância do Estado-Nação composto essencialmente por três partes, sendo elas: o território, o povo e a soberania. Onde a utilização do território pelo povo, torna-o estado e as relações posta pelas funções políticas são parte da soberania. Salienta ainda que essas relações são constantemente alteradas devido as interações entre os sujeitos dentro da sociedade.

Santos (apud Elias, 2003) buscava através dos seus estudos e de toda a narrativa epistemológica tanto de espaço, quanto de território, uma geografia mais crítica, afim de que o indivíduo que ali vivesse pudesse ser um cidadão, analisando todo o contexto pelo qual perpassa a sociedade. Ressalta também que a urbanização poderia ser base dos processos de produção, se fosse utilizada de maneira inteligente pelos governantes, bem como de maneira crítica pelos seus cidadãos. Contudo contrapõe quando traz uma ótica capitalista onde, diante do:

processo de transformação do cidadão em simples consumidor insatisfeito, que, alienado, aceita ser chamado de usuário, servindo ao economicismo reinante, mostrando a vitória do consumo como fim em si mesmo e das empresas no comando do território (ELIAS, 2003, p.146).

Ou seja, na perspectiva capitalista o território não é um espaço onde o cidadão usufrui dos atrativos e patrimônios ali inseridos, mas sim um grande conglomerado que serve ao sistema. Contudo ele faz uma reflexão de como seria importante que o cidadão fosse crítico o suficiente para utilizar dos espaços urbanos como forma de crescimento, de conhecimento de educação (ELIAS, 2003).

Assim, pensando que nenhum indivíduo está imune a educação, pode-se dizer que ela, seja dentro ou fora de sala, seja patrimonial ou tradicional, seja libertadora, é um fator primordial para a construção de um espaço de convivência fora dos muros da escola, através dos passeios escolares/ turismo pedagógico, onde o cidadão terá seu sentido de pertencimento mais afluído, podendo ser crítico aquele espaço e tentar transformá-lo se assim o desejar, mudando não apenas a sua realidade, mas de tantos outros que não tiveram acesso a essas oportunidades.

## 4 ANÁLISE DO SITE DE CURITIBA

Como visto anteriormente, Curitiba foi sendo planejada ao longo dos anos, com planos urbanísticos que valorizavam seus atrativos turísticos, de patrimônio cultural, principalmente construídos pela imigração europeia. Segundo Carvalho e Sugai (2014) essa estrutura foi baseada em uma sociedade patrimonialista que investe fundos que deveriam ser direcionados para o desenvolvimento da cidade em regiões periféricas, contudo segue privilegiando as áreas nobres, composta pela elite, ressaltando assim as desigualdades entre os habitantes.

Ao entrar no site oficial da capital paranaense, a imagem da unidade de conversão, Jardim Botânico Francisca Maria Garfunkel Rischbieter, comumente conhecido apenas como Jardim Botânico de Curitiba, já ilustra a tela. Feito em estilo francês, com abóbodas em ferro e vidro, retrata bem a imagem europeia que a cidade quer passar aos visitantes. O site sempre muda a imagem ilustrativa e contempla um atrativo diferente.

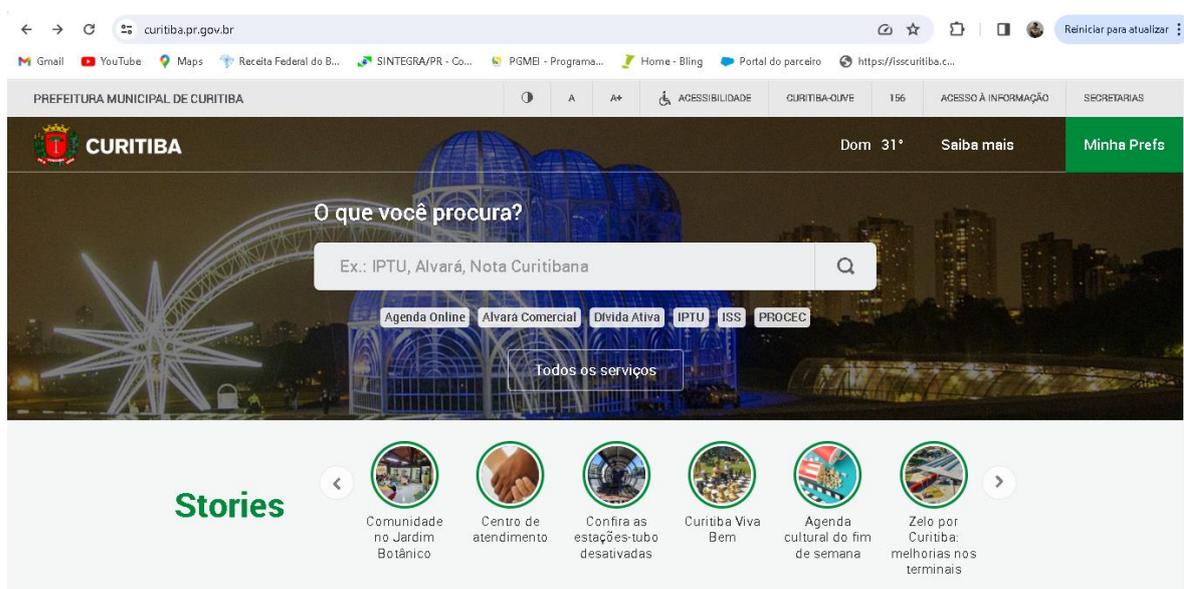


Figura 1 – Capa do site oficial da Prefeitura de Curitiba. Fonte: A autora.

A princípio, a organização do site parece acessível, contudo, para conseguir achar a parte sobre o programa Linhas do Conhecimento e necessário percorrer várias abas até encontrar. O programa está diretamente ligado ao título de cidade educadora, e faz parte da secretaria da educação.

Primeiramente deve clicar no item secretarias destacado em rosa, como visto na figura 2.



Figura 2 – Menu com opções para redirecionamento. Fonte: A autora.

Depois clicar no item Educação, em destaque meu, na figura 3.



Figura 3 – Menu com a opção Educação. Fonte: A autora.

Logo em seguida, clicar em Portal da Educação, como mostra a figura 4.

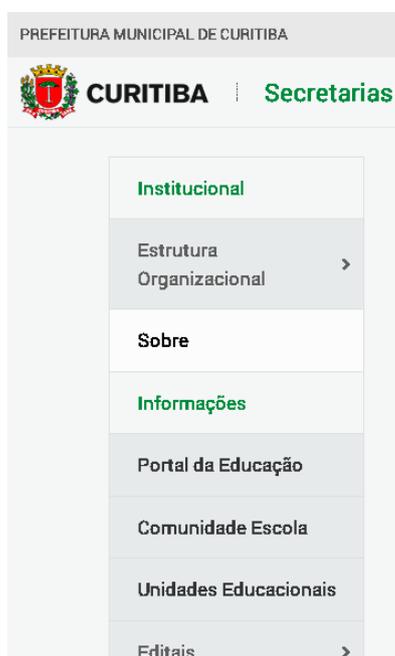


Figura 4 – Menu com a opção Portal da Educação. Fonte: A autora.

Depois em Secretaria como na figura 5, e logo em seguida em Programa Linhas do Conhecimento, como na figura 6.

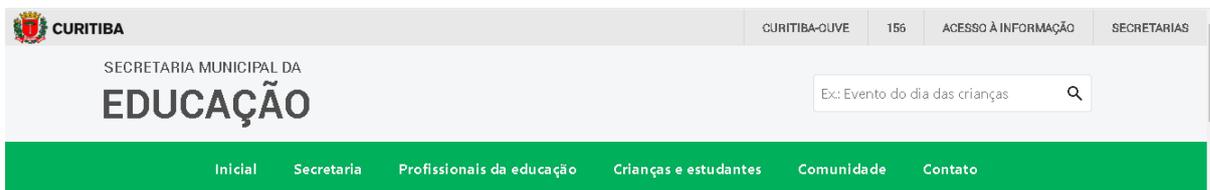


Figura 5 – Menu com a opção Secretaria. Fonte: A autora.

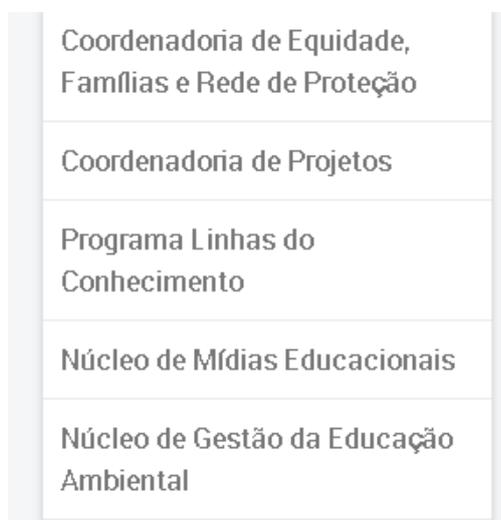


Figura 6 – Menu com a opção Programa Linhas do Conhecimento. Fonte: A autora

Entrando na parte do site onde está lotado o programa, todas as informações já estão disponíveis em banners chamativos que a primeiro momento podem confundir o visitante, mas ao observar com atenção todas essas informações também estão dispostas em um menu ao lado esquerdo, que facilita a visualização, a figura 7 contempla essa informação. Ali pode-se obter informações acerca da história do programa, inscrições para os projetos já existente ou ajuda para elaboração de um projeto próprio da unidade interessada em participar, bem como a documentação necessária para o cadastramento.





Figura 8 – Menu de opções dos projetos. Fonte: A autora.

Retornando ao enfoque da presente pesquisa, ao clicar em inscrições o visitante é direcionado para uma aba contendo três opções, como mostra a figura 9.

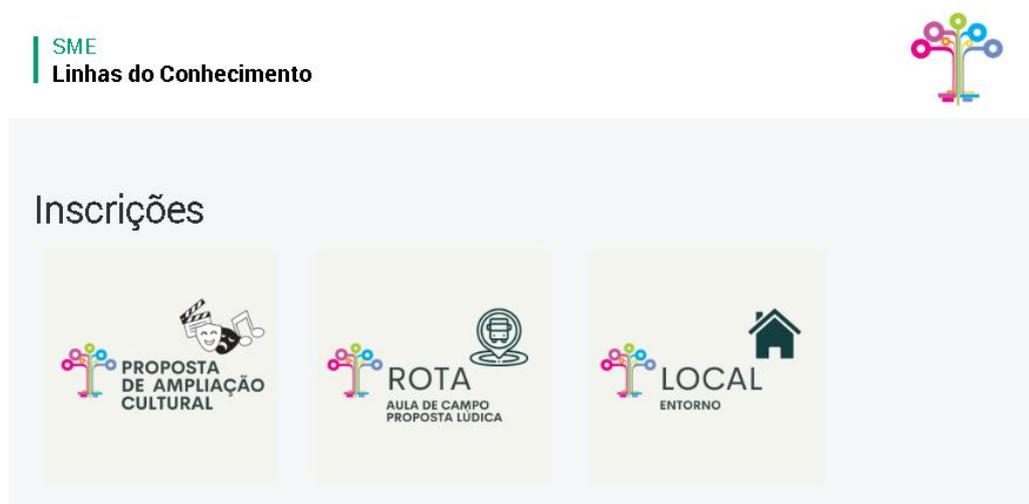


Figura 9 – Aba inscrição. Fonte: A autora

A primeira seria: Proposta de ampliação cultural, figura 10, que são roteiros pré estabelecidos e que serão disputados entre as unidades, tendo datas e locais já pré estabelecidos, as professoras das unidades interessadas devem se inscrever e aguardar o retorno, os critérios de seleção constam no edital. O último edital de 2023, contava com 23 vagas no turno da manhã.

SME  
Linhas do Conhecimento

PROPOSTA DE AMPLIAÇÃO CULTURAL

RESULTADOS  
3º TRIMESTRE

DICA: Para acessar o formulário de inscrição, é necessário fazer o login de seu e-mail institucional @educacao, preferencialmente utilize o navegador Chrome.

Figura 10 – Proposta de ampliação cultural. Fonte: A autora.

A próxima é a opção Rota: Aula de Campo, proposta Lúdica, que seriam as saídas planejadas pelos professores, saídas essas que necessitam de transporte escolar, ou seja, que será realizada longe do entorno do estudante. Ao clicar nesse ícone terá uma breve explicação acerca do assunto, bem como modelos de propostas, ajuda na inscrição e resultados de inscrições passadas, como podemos ver nas figuras 11 e 12. Essa proposta não é disputada e a professora interessada monta um plano de aula e inscreve-o para ser contemplada no passeio.



## AULAS DE CAMPO / PROPOSTA LÚDICA ROTA



Figura 11 – Proposta Rota: Aula de Campo. Fonte: A autora

### AULAS DE CAMPO/ PROPOSTAS LÚDICAS

As aulas de campo/propostas lúdicas rota, ofertadas por meio do Programa Linhas do Conhecimento, são ações sistematizadas que possibilitam a expansão do espaço de aprendizagem para além dos muros da unidade educacional, promovendo ampliações sociais, culturais, patrimoniais, ambientais, esportivas e territoriais de crianças, estudantes e profissionais da educação. As ações contribuem para o aprofundamento dos conhecimentos curriculares, a partir da percepção e utilização dos mais diversos territórios, dentre espaços educativos, produtivos e inovadores, como parques, bosques, museus, espaços culturais etc. Portanto, é essencial que o planejamento e as especificidades do trabalho pedagógico estejam articulados com a ação de interesse proposta pelo programa, estabelecendo intencionalidade pedagógica e articulação com o currículo.

Figura 12 – Proposta Rota: Explicação sobre. Fonte: A autora.

A terceira opção é: Local – Entorno, também com modelos de propostas e ajuda para inscrições. Pelos ícones e modelos, pode-se observar que esse contempla a educação infantil, a educação especial e a educação de jovens e adultos.



**AULAS DE CAMPO / PROPOSTA LÚDICA LOCAL**

**AS SOLICITAÇÕES PARA AULAS LOCAIS ESTÃO ENCERRADAS.**

PROPOSTAS  
LÚDICAS  
EDUCAÇÃO INFANTIL  
(Educação)

AULAS LOCAIS  
EF, EE, EJA  
(Educação)

**DICA: Para acessar o formulário de inscrição, é necessário fazer o login de seu e-mail institucional @educacao, preferencialmente utilize o navegador Chrome.**

Figura 13 – Proposta Aulas de campo local. Fonte: A autora.

É interessante observar os símbolos que acompanham cada uma das opções. A proposta de ampliação cultural tem como símbolo, máscaras de teatro, um símbolo musical e uma prancheta de cinema. A Rota: Aula de Campo é simbolizada por um ônibus e a opção local tem como símbolo uma casa, todos eles acompanhados do símbolo de Curitiba como cidade educadora, que é uma Araucária angustifólia colorida e tecnológica.

O logradouro propriamente dito do Programa Linhas do Conhecimento tem muitas informações pertinentes, contudo como foi visto, é um programa ligado ao título de Cidade Educadora, bem como aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e existe a possibilidade de verificar vários temas, não apenas o tema central dessa pesquisa. Ao observar o site nota-se a preocupação da Prefeitura de Curitiba com o sucesso do programa visto que oferece formações aos professores que se interessarem pelo tema, tentando assim garantir um ensino de qualidade. Verifica-se também que existem outros projetos, além dos passeios escolares, com a preocupação de garantir ao aluno o acesso a outras formas de aprendizagem. Nota-se que há também toda uma estrutura de montagem e cronograma para se garantir acesso aos projetos, contudo alguns cronogramas engessados, como é o caso do item “Ampliação Cultural” podem dificultar o acesso das unidades mais periféricas aos

atrativos centrais, como pode-se observar na última publicação de resultados, do 3º trimestre, onde haviam apenas 4 páginas de contemplados para visitar a Ópera de Arame dentre toda Curitiba, havendo uma disputa através de critérios pré estabelecidos em edital.

Diferentemente da opção “Rota: Aulas de Campo”, onde as unidades podem escolher os atrativos que irão, de acordo com o planejamento feito em sala. Não existe um limite, o que facilita a contemplação, existe apenas um prazo para o projeto ser inserido no sistema. No 3º trimestre a soma dos contemplados obteve mais de 40 páginas, com inúmeros atrativos, desde o Museu da Arte Indígena até o Aeroclube. Já a opção “Local” não há como mensurar, pois não há resultados, apenas um prazo limite para inserir o planejamento de aula no sistema.

Além das formações, existe um vasto material pedagógico que os professores podem acessar, auxiliando assim o processo de construção de conhecimento juntamente com o aluno. Ao analisar o site do Programa Linhas do Conhecimento e pensar em Curitiba como Cidade Educadora, pode se dizer que a imagem que a capital paranaense repassa aos observadores de fora em linhas gerais, é de que sim, ela valoriza a cultura regional, tanto quanto valoriza os atrativos centrais eurocentrados, com seus guias e e-books que contemplam até algumas atrativos da região metropolitana, trazendo conteúdo para dentro da sala de aula para que ao saírem dos muros das escolas, as crianças tenham inclusão cultural da cidade onde moram, mas principalmente do bairro onde realmente vivem, tendo suas experiências diárias validadas, para que assim possam criar um sentido de pertencimento. Contudo ao perceber as nuances do Programa, onde há disputa por vagas em atrativos centrais populares, ainda que a justificativa seja um evento específico com números de vagas reduzido, no caso dessa análise o evento em questão disponível no edital do 3º trimestre era o “Vale da Música” na Opera de arame que aconteceria em 05/12 à 15/12/2023, e que teve seu edital de contemplação em novembro de 2023, verifica-se assim que esse acesso não chega a todos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os passeios escolares são combustíveis para a educação e também para a preservação da cultura, ampliando os horizontes dos professores, das crianças e de toda a sociedade, a partir de práticas lúdicas que oportunizam o conhecimento da cidade, principalmente das cidades ditas Educadoras. Esses passeios tornam o ambiente escolar mais vivo, pois carrega consigo toda a magia do mundo fora dos muros da escola.

Essa saída a campo traz conhecimento para as práticas educativas, dentro e fora da escola, bem como ajudam na melhoria da percepção de mundo das crianças envolvidas nesse processo de aprendizagem, e assim quem sabe tornando um cidadão crítico do espaço onde vive, tomando para si a história local de seu bairro. Ademais quanto mais nutridas de cultura as crianças estejam, mais oportunidades na educação diferenciada elas perceberão, mas não apenas uma cultura elitizada, mas também uma cultura que ela possa ter acesso a todo instante e se sentir acolhida dentro daquela narrativa.

Assim pode se dizer que são nesses meios, mas não somente neles, que acontece o incremento da aprendizagem, as crianças adotam uma postura de aprendizado que estabelece uma relação com o que se conhece, bem como diálogo entre professores, alunos e espaço a fim de garantir que haja a mudança nesse indivíduo.

Diante das informações obtidas durante a pesquisa pode-se perceber que as aulas de campo (passeios escolares/ turismo pedagógico), são um instrumento efetivo na educação das crianças, desde que trabalhadas pelos professores de maneira a introduzir nesse indivíduo uma valorização do local onde vivem, dando-lhes autonomia e sentido de pertencimento, contudo observou-se também uma falha no incentivo a apropriação do entorno, mesmo que por falta de dados existentes no site do Linhas do Conhecimento, existindo a opção (Aqui vale fazer uma ressalva que era a única opção que continha a EJA explicitamente), mas não havendo a informação se ela é utilizada de maneira satisfatória ou não. Pode se observar que a ideia de Cidade educadora dialoga com as aulas de campo, visto que é o “carro chefe” do Programa, ademais pode se observar também a preocupação da capital paranaense em parecer que estabelece uma educação ampliada para todos os cidadãos de Curitiba sejam

criança ou adultos, com conhecimentos variados não somente instrumentalizados, contudo isso não ocorre devido as vagas que não são para todos.

Conclui-se, ao analisar o site, que a Prefeitura de Curitiba tenta manter a imagem de Cidade Educadora, com vasto materiais pedagógicos, formação de professores e projetos itinerantes que contemplam não só as crianças. Mas que apesar de algumas notícias pontuais, não há como saber se realmente os projetos inseridos no sistema são aplicados de maneira a ser internalizados pelas crianças, os planos de aulas não ficam disponíveis ao público que acessa o site, não havendo um armazenamento desses dados, não sabendo se os passeios estão inseridos dentro de um planejamento pedagógico ou estão acontecendo como meros passeios para distração e um alívio do espaço escolar, não que essa utilização não seja importante, mas como Cidade Educadora a intencionalidade deve prevalecer. Ademais o que há são cadernos escritos pela própria prefeitura de Curitiba relatando sobre as aulas de campo e eventos relacionados com o Programa Linhas do Conhecimento, podendo ter um viés enraizado ao patrimonialismo, como sugere Carvalho e Sugai (2014) que favorece principalmente as áreas nobres e a elite da capital paranaense, sendo assim, não dando as mesmas oportunidades para todos, uma vez que essa segregação que acontece por meio das regionais, bem como com a disputa para os eventos só aumenta a disparidade entre as unidades, mesmo que interessadas em promover uma educação de qualidade para as crianças nelas matriculadas.

## REFERÊNCIAS

AICE. Associação Internacional de Cidades Educadoras. **Carta das Cidades Educadoras**. Disponível em: < [https://www.edcities.org/wp-content/uploads/2020/11/PT\\_Carta\\_10x14cm.pdf](https://www.edcities.org/wp-content/uploads/2020/11/PT_Carta_10x14cm.pdf) >. Acesso em: 25/10/2023

ABREU Regina; CHAGAS, Mário. (Org.), **Memórias e patrimônios: ensaios contemporâneos**, Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ALBANO, Celina; MURTA, Stela Maris. (Org.). **Interpretar o patrimônio: Um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologias e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1970.

BEI.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação?** São Paulo: Brasiliense, 2003

CAINELLI, Marlene; SANTOS, Flávio Batista dos. **O Ensino de História Local na Formação da Consciência Histórica: Um Estudo com Alunos do Ensino Fundamental**. Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional, v. 9, n. 21, P.158-174 jan./abr. Curitiba, 2014.

CARDOZO, Poliana Fabíula; MELO, Alessandro., **Patrimônio e Educação Patrimonial numa perspectiva humana - genérica**, 2009.

CARVALHO, André de Souza. SUGAI, Maria Inês. **Estado, Investimentos e Exclusão Social: A Produção do Espaço da pobreza em Curitiba**. Oculum ens., P. 317-334, jul./ dez. Campinas, 2014

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Disponível em: < [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4413762/mod\\_resource/content/1/CHARTIER\\_OMundoComoRepresentacao.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4413762/mod_resource/content/1/CHARTIER_OMundoComoRepresentacao.pdf) >. Acesso em: 22/11/2023.

COELHO, Teixeira, **Dicionário Crítico e Político Cultural**, São Paulo: Iluminuras, 1997.

COSTA, Flavia Roberta. **Turismo e patrimônio cultural**: Interpretação e qualificação. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

CURITIBA. Prefeitura Municipal de Curitiba. **Perfil da cidade**. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/perfil-da-cidade-de-curitiba/174>. Acesso em: 22/08/2023.

CURITIBA. Secretaria Municipal da Educação. **Linhas do Conhecimento**. Disponível em: < <https://educacao.curitiba.pr.gov.br/unidade/linhas-do-conhecimento/18443> >. Acesso em: 05/04/2023.

CURITIBA. Secretaria Municipal da Educação. **Linhas do Conhecimento**. Curitiba: 2018 Disponível em: < [https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos\\_restritos/files/documento/2020-06/linhas\\_conhecimento.pdf](https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2020-06/linhas_conhecimento.pdf) >. Acesso em: 20/12/2023.

CURITIBA. **XVII Congresso Internacional das Cidades Educadoras**. Disponível em: < <https://cidadeseducadoras.curitiba.pr.gov.br/> >. Acesso em: 22/08/2023.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural**: Recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Entenda o que é uma Cidade Educadora. **BEI Educação**. Disponível em: < <https://beieducacao.com.br/o-que-e-cidade-educadora/> >. Acesso em: 22/10/2023

FREIRE, Paulo.; BETTO, Frei. **Essa escola chamava vida**: Depoimentos ao repórter Ricardo Kotcho. São Paulo: Editora Ática, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de Pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GERMINARI, Geyso Dongley. **A história da cidade, consciência histórica e identidades de jovens escolarizados**. 188f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de PósGraduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: < <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24209>>. Acesso em: 08/09/2023.

GODOY, Vanessa de Oliveira. **Ensino de história local nos anos iniciais do Ensino Fundamental**: Proposições do Município de Curitiba. 2019. 53p. Trabalho de

Conclusão de Curso (Pedagogia) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Curitiba, 2019.

GONÇALVES, Nádya Gaiofatto. **Conteúdo, metodologia e avaliação do ensino de História**. Curitiba: UFPR, 2011.

GOULART, Marilandi; SANTOS, Roselys Izabel C. **Uma abordagem histórico-cultural do turismo**. Turismo - Visão e Ação, v. 1, n. 1, p. 19-28, jan./jun. 1998.

IPPUC. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano. **Equipamentos Urbanos**. Disponível em: <https://ippuc.org.br/seuc/equipamentospastasseuc.php>. Acesso em: 23/11/2023.

IRVING, Marta Azevedo, AZEVEDO, Julia. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**, São Paulo: Futura, 2002.

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

LISITA, Nilda Lopes de Oliveira. **Educação patrimonial na cidade de Goiás: vinte anos de experiência na escola de ensino fundamental da rede pública estadual**. 2008. 249 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Goiás. Goiânia.

MARTINS, Clerton (Org.), **Turismo, cultura e identidade**, São Paulo: Roca, 2003.

MENESES, José Newton Coelho. **História e Turismo Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MILAN, Priscila Loro. **Viajar para aprender: Turismo pedagógico na Região dos Campos Gerais – PR**. 125 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria). Universidade do Vale do Itajaí. Balneário Camboriú. 2007.

OLIVEIRA, Dennison de. **Curitiba e o mito da cidade modelo**. Curitiba: Ed da UFPR, 2000.

PRADO, Daniel Porciuncula; MACEDO, Sabrina Meirelles. **Reflexões acerca do ensino de História: a História Local e a Consciência Histórica**. Revista Latino Americana de História. v. 2 n. 6 (2013): Formação de Professores de História. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6238750>>. Acesso em: 22/08/2023.

QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. **Espaço geográfico, território usado e lugar**: ensaio sobre o pensamento de Milton Santos. Para Onde!?: UFRS, 9 (1): 154-161, ago./dez. 2014.

RÜSEN, Jörn. **Didática da História**: Passado, Presente e Perspectivas a partir do caso alemão. In: BARCA, Isabel MARTINS, Estevão de R.; SCHMIDT, Maria A; (Orgs). Jörn Rüsen e o ensino de História. Curitiba: Editora UFPR, 2010. pp. 23-40.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço** – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia nova**: Da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2004.

SILVA, Suelen de Aguiar. **Desvelando a Netnografia**: um guia teórico e prático. Intercom – RBCC São Paulo, v.38, n.2, p. 339-342, jul./dez. 2015.

SQUAT, Marcos Aurelio; SILVA, Sueli Santos da. **MILTON SANTOS**: concepções de geografia, espaço e território. Geo UERJ - Ano 10, v.2, n.18, 2º semestre de 2008.

SOARES, Samara Sousa Diniz; STENGEL, Márcia. **Netnografia e a pesquisa científica na internet**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/W5cDdNM99Bk9btBs6ffx45G/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 03/11/2023.